Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

ENTRE A CRONOLOGIA E A ATEMPORALIDADE: QUANDO O TEMPO NOS EMPURRA.

Cristiana Kehdi Gerab - crisgerab@gmail.com

Resumo: O presente artigo traz a ideia de que a idade e o tempo cronológico podem confrontar o sujeito a fazer passagens que, inconscientemente, não são possíveis. O sujeito empurrado por um imperativo cronológico, como a adolescência ou a velhice, podem encontrar uma crise que culmine nas versões neuróticas da urgência subjetiva ou da paralisia. A atemporalidade inconsciente clama por um tempo de compreender que deve ser sustentado pelo psicanalista, também ele confrontado pelos imperativos do tempo. O artigo traz duas vinhetas clínicas seguidas de elaborações teóricas que levam em conta os temas da urgência, da angústia e do Real na clínica psicanalítica.

Palavras-chave: tempo; cronologia; envelhecimento; urgência; angústia.

São Paulo

2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

BETWEEN CHRONOLOGY AND TIMELESSNESS: WHEN TIME PUXES US.

Cristiana Kehdi Gerab - crisgerab@gmail.com

Abstract: This article brings the idea that age and chronological time can confront the subject to make passages that, unconsciously, are not possible. The subject pushed by a chronological imperative, such as adolescence or old age, may encounter a crisis that culminates in neurotic versions of subjective urgency or paralysis. Unconscious timelessness cries out for a time to understand that must be sustained by the psychoanalyst, who is also confronted by the imperatives of time. The article brings two clinical vignettes followed by theoretical elaborations that take into account the themes of urgency, anguish and the Real in the psychoanalytic clinic.

Keywords: time; chronology; aging; urgency; anguish

São Paulo

2024

Venho instigada por pensar nas passagens, os ritos de passagem que costumam acontecer no curso de nossas vidas.

Episódios advindos do tempo cronológico, momentos de vida que confrontam o sujeito em suas condições de responder a eles. Os impasses podem ser vividos enquanto urgências subjetivas, termo que encontrei na bibliografia que usei, que faz referência à incidência da angústia no tratamento, e na angústia enquanto orientadora de nossa escuta. A urgência subjetiva seria o que nos tensiona entre o tempo de um corpo social que necessita de soluções e um sujeito que se angustia e se paralisa diante dele. Trarei duas vinhetas clínicas seguidas de considerações sobre a pergunta: o tempo cronológico enquanto algo que urge, nos apressa e nos empurra pode incidir na temporalidade inconsciente?

NINA

Nina, 23 anos, chega à primeira entrevista aflita, muito falante e consegue construir uma intimidade rapidamente. Durante as entrevistas preliminares, ela parecia muito certa e decidida a vir ao meu consultório uma vez por semana, ávida por falar, ávida pela presença de alguém que escutasse sua tamanha angústia. Ela é uma das primeiras pacientes a vir presencialmente e muito presente, naquele ano pós-pandemia da covid-19.

Nina foi indicada por uma colega de trabalho que faz parte do apoio psicológico oferecido por sua faculdade. Minha colega a nomeou de um "caso difícil". Nina pediu para ser atendida lá, pois pensava constantemente em abandonar a faculdade, mas hesitava, voltava atrás. Provavelmente sensível ao fato de que algo podia transbordar em si mesma e impossibilitar sua experiência universitária, buscou um espaço de escuta. Já havia passado por uma internação psiquiátrica que trouxe uma marca muito ruim a ela. Talvez seu pedido já tivesse em si a responsabilidade por cuidar de si e ser cuidada.

No entanto, ela vem se queixando de que é sempre ela quem dá, quem se sacrifica pelos amigos e pelos pais, e nada recebe em troca. Já mudou de faculdade três vezes, sempre temerosa em não ter feito a escolha certa, e sua principal queixa hoje é se sentir mais velha do que a turma. Entrou em uma faculdade muito bem conceituada em SP, mas sente-se excluída, não gostada por ser quem é, fora de lugar. Algo na relação com os colegas a inquieta, a coloca de fora, estranhada, e isso vem se repetindo a cada início em um novo lugar. Ela diz que nunca consegue

entrar nos grupos, os outros são mimados e egoístas e parecem já ter uma relação atávica entre si. Relação que ela não compreende e da qual não faz parte. Ela vem se questionando se nessa faculdade vai ficar, afinal de contas ela precisa decidir, tocar sua vida, se formar e ter um diploma. Nina se aflige especialmente pelo temor de não se adequar, não conseguir um lugar para si: alguém que confie nela e a encaminhe para um estágio, algum amigo em quem possa confiar, que pense nela, já que, como ela diz, " é na faculdade que a gente faz os amigos da vida" . Apesar disso, seu interesse pelos assuntos que aprende na universidade é vivo, envolve-se em uma pesquisa, porém tudo parece neutralizado por sua constante angústia de não pertencer. Pior que neutralizado, diria negativizado - ela sempre precedida de um sinal de menos.

Por muitas sessões ela vem se queixar sobre seu permanente retorno ao lugar de exclusão: seja por ver fotos de festas da faculdade no instagram, para as quais ninguém a convidou ou avisou, ou por presenciar um olhar torto de alguma colega, ou um sorriso amarelo que aparenta falsidade, seja por não conseguir fazer parte dos grupos de trabalho que gostaria, pois eles rapidamente ficam cheios e não há espaço para ela. Nesses momentos, ao invés de se aproximar dos grupos, reconhecer um pedido em si mesma, ela larga tudo, sai mais cedo da aula, falta durante vários dias seguidos e fica em casa trancada no quarto, dormindo. Vem à análise confrontando-me com a fala de que não vai mais aguentar, vai largar a faculdade, está afinal de contas, perdendo tempo e perdendo o dinheiro dos pais, que estariam investindo nessa universidade cara e bem avaliada à toa. Na transferência, sou muito rapidamente tomada por uma sensação de querer oferecer a ela um lugar, ao mesmo tempo em que isso me parece impossível. Há um caráter de urgência nessa sensação. Como se algo não pudesse ser adiado, como se não houvesse tempo a perder. Talvez porque seu tom seja quase sempre confrontativo. E ainda sem saber qual o sentido de tudo aquilo, atenho-me a sustentar que ela permaneça na faculdade. E minha presença, a continuidade das sessões, vão marcando um novo tempo, um tempo necessário que resista a pressa. Quem tem pressa, afinal? O trabalho de análise parece surtir o efeito de que ela "aguente um pouco mais".

As ameaças que ela faz repetidas vezes de que não vai mais aguentar, "esse lugar não é para mim" ! produzem um efeito transferencial de angústia em mim, como se houvesse uma passagem real que ela não dá conta de fazer. Sair da casa

dos pais, tentar a vida adulta vem em suas falas enquanto uma certeza de fracasso: “ não há o que fazer. Tudo é horrível!” Como manejar esse efeito? Como usar o tempo em favor de sua entrada em análise, de que se inaugure um tempo para compreender?

JOANA

Joana, 92 anos, iniciou seus encontros comigo um pouco confusa, sem entender o que eu fazia na casa dela, achando que era no apartamento da filha que iríamos nos encontrar. Nesse caso, meu atendimento é feito no dispositivo do acompanhamento terapêutico, em que o enquadramento do atendimento é no território do paciente. A filha de Joana havia falecido recentemente de câncer, no ano em que ocorria também a pandemia de covid 19. Quando cheguei a sua casa pela primeira vez, ela justificou não ter ido até o apartamento da filha porque está se sentindo muito cansada para caminhar. Digo a ela que não era minha expectativa que nos encontrássemos lá, porém já entendendo que é ali (onde a filha falta) que vamos, afinal, nos encontrar.

Joana havia passado por uma série de perdas, a iniciar pela morte da filha, seguida da impossibilidade de circular e poder encontrar o grupo de amigas, e por fim a morte da cachorra, a quem ela se referia como sua “dama de companhia”. Tudo isso culminou em um estado depressivo, do qual a família se queixava ao buscar o acompanhamento terapêutico: “ela está paralisada, não quer sair da cadeira, não faz mais nada do que fazia antes”. Joana começa a engordar, já que passa a maior parte do tempo sentada, não sai mais para fazer compras ou ver as amigas (mesmo com a volta da circulação nos espaços públicos permitida após a vacinação contra o coronavírus). Queixa-se de desânimo, dor nas pernas, sono, tontura.

Conforme se desenrola o AT, sua paralisia vai cedendo e, aos poucos e com muita insistência de minha parte em estar alí semanalmente, ela começa a falar. Ao associar diversas experiências de morte e luto em sua vida, diz enfim: meu pai morreu quando eu tinha dez anos. Minha filha morreu antes da hora também. E porque será que eu estou vivendo tanto? Há um desejo de que tudo cesse, desejo de que sua vinda finde, desejo de não mais participar de nenhum conflito, Joana que tem uma família extremamente bélica, briguenta e impaciente. Aparece também algo em relação a sua própria posição diante dessas perdas trágicas: será que teve

alguma culpa nisso? Seja ao falar de uma amiga que caiu da escada que ela já havia alertado ser perigosa, da cachorra que morreu porque talvez ficasse deitada no chão gelado da cozinha por muito tempo (e ela devia ter se atentado a isso). Essa conversa se desenrola para uma pergunta, enfim, sobre o que é responsabilidade de cada um e o que seria, afinal, obra do destino. Joana parece poder sair de uma impassível espera de sua própria tragédia e pensar em seu lugar nela.

O TEMPO E A ATEMPORALIDADE

Ambas essas vinhetas falam sobre a dimensão do tempo. Seja Nina que, confrontada pela urgência de crescer e sair da casa dos pais, encontrar um lugar profissional e um lugar social, paralisa-se, e vê o tempo passar ao se descobrir "a mais velha da sala". Seja Joana, que após passar por uma sequência de perdas, deixa de ver sentido em seguir vivendo neste corpo velho que muitos de seus entes queridos jamais chegaram a experimentar. *Ambas confrontadas em fazer passagens que o tempo cronológico invariavelmente impõe.* Cursar uma faculdade é uma convocação a tomar decisões a respeito de quem se quer ser no mundo, o que exige uma separação mais consistente dos pais. E para fazer passagens, seja da adolescente à adulta, seja da adulta à velha, há que se ter uma dimensão de futuro, há que se poder valer de um significante que o represente ao Outro. E talvez o que há em comum entre essas duas pacientes é estarem diante desse significante que, por algum motivo, vacila.

Se sabemos por Lacan que o inconsciente é atemporal, a psicanálise intervém, segundo Fingerman (2009), pelo manejo do tempo: "o manejo do tempo na experiência analítica tem consequências para o sujeito e sua relação com o tempo, ludibriada pela "intemporalidade" da fantasia, que produz a fixidez neurótica do desejo nas suas versões de insatisfação, impedimento e impossibilide".

Se estamos lidando com a versão da urgência ou da impossibilidade, seriam estas versões efeitos dos imperativos da cronologia? Quando falo em imperativos da cronologia, falo sobre um real que se impõe, invariavelmente, a todos os corpos que envelhecem.

Pensemos no envelhecer. Se o inconsciente não tem idade, em que medida a idade interfere nos processos inconscientes? Jack Messy em seu livro "A pessoa idosa não existe" diz: "na nossa época, o repúdio à morte se estende à rejeição dos velhos". Se pensarmos na velhice enquanto categoria social, pessoa idosa,

conseguimos rapidamente compreender a provocação que o título de Messy faz: a velhice é singular e cada um terá seu respectivo velho. Seremos sempre o velho de alguém. “ Com o acréscimo dos anos a palavra velho adquire a matiz de um convite para afundar na designação anônima de pessoa de idade, sem sabermos de que idade, aliás…” (MESSY, 1999, p.10). A categoria social que o termo pessoa idosa ou terceira idade nos traz estão articulados a marcadores como a aposentadoria, a perda de entes queridos, a perdas físicas, perdas de mobilidade, a proximidade da morte. Aproximar-se da velhice para captar seu sentido é evocar em nós o temor da morte. E assim, Messy segue se perguntando: estaria a velhice no repertório do real, isto é, do inassimilável? “não sou velho porque não me vejo velho, isto me vem se fora. Não sou velho porque não me sinto velho, isso me vem de dentro”. O real comparece enquanto a disjunção do corpo com aquilo que parece não envelhecer.

Há marcadores sociais que diferenciam um adolescente de um adulto (o voto, a faculdade, a entrada no mercado de trabalho) e o adulto do idoso. Mas é claro que enquanto psicanalistas vamos supor que esses marcadores por si só não desencadeiam sintomas, porém contribuem (podendo funcionar enquanto uma injunção) para que a angústia tome conta da cena neste momento, impedindo que certa passagem possa ser feita. Freud, por exemplo, passa a tratar mais abertamente de seu envelhecimento aos 65 anos. Nesse momento, Messy, em sua busca na biografia escrita por Ernest Jones, encontra a seguinte frase de Freud em uma carta a Ferenczi:

> No dia 13 de março deste ano, entrei bruscamente na velhice verdadeira. Desde então o pensamento de morte não me abandonou mais. e por vezes tenho a impressão de que sete de meus orgãos internos disputam a honra de por fim a minha vida. Nenhum fato especial marcou essa ocasião, exceto que Oliver, a caminho da Romênia naquele dia, se despediu de mim”. (MESSY, 1999, p.22)

Messy constata: “seu filho Oliver tinha então 30 anos, a idade de Freud quando abriu seu consultório vienense e desposou Martha. Um ano depois, será avô pela terceira vez, um ano após a morte de sua filha Sophia. Depois de uma brusca entrada na velhice, quando um de seus filhos se despede dele, o pensamento da morte não o deixou mais”. Um acontecimento real, aparentemente banal, teve o potencial traumático de trazer a angústia de morte a Freud.

O autor usa o termo entrada na velhice para designar esse fator Real, que pode provocar uma espécie de ruptura no aparato simbólico, podendo chegar inclusive a colocar em xeque a própria imagem no espelho. “Ao passo que a criança se rejubila antecipando sua unidade corporal e o domínio da motricidade, pedra angular do narcisismo secundário, o adulto se aflige ao longo do seu avanço etário ao antecipar um corpo arrebatado, fragmentado, um corpo de morte” (MESSY, 1993, p.24). A partir daí, Messy entrará em uma jornada teórica que incluirá as demências como sintomas psicopatológicos, decorrentes dessa fragmentação vindoura que pode culminar, no limite, em uma perda da própria imagem.

De toda forma, talvez o que queira pensar aqui é no vacilo desse significante que representa o sujeito e que produz angústia, seja no caso de Nina que não encontra lugar para si, sempre ameaçada, sempre excluída (e me pergunto se seria o lugar da exclusão justamente aquele que a representa no desejo do Outro), seja no caso de Joana que, diante do próprio envelhecimento e da tragédia da perda da filha, parece querer “morrer antes da hora”.

Olive (2021) em belíssimo artigo que aborda o tema de atendimentos de casos de urgência no espaço universitário, ou seja, casos em que estudantes tomados por alguma crise procuram o ambulatório, considera que "a urgência subjetiva se orienta a partir da angústia, e é preciso levar em conta a pulsão de morte freudiana, ou o gozo de que fala Lacan. Ela surge quando um bom ou um mau encontro com um acontecimento interno ou externo faz vacilar a identificação fundamental através da qual o sujeito se situava no desejo do Outro."(OLIVE, 2021, p.148). Considerando o estudo do Seminário X, valem alguns apontamentos em relação à angústia no que concerne ao que estamos tratando aqui: a perda das referências. Lacan vem nos dizer que a angústia se trata da irrupção do real no simbólico. Na lição V escreve sobre o estranho, articulando-o ao reconhecimento de nossa própria forma:

> (...) esse reconhecimento é, em si mesmo limitado, pois deixa escapar algo do investimento primitivo em nosso ser que é dado pelo fato de existirmos como corpo. Não será uma resposta apenas razoável, mas controlável, dizer que é esse resto, esse resíduo não imaginado do corpo que, por um desvio que sabemos designar, vem manifestar-se num lugar previsto para a falta, e de um modo que, por não ser especular, torna-se impossível de situar? Com efeito, uma das dimensões da angústia é a falta de certos referenciais” (LACAN, 2005, p. 71)

Na lição VIII, ele se refere às manifestações do objeto *a* enquanto falta: a transferência, os fenômenos de borda. Ele fala do lugar vazio em que pode se encontrar o pequeno a: “Esse lugar, delimitado por algo que é materializado na imagem - uma borda, uma abertura, uma hiância - onde a constituição da imagem especular mostra seu limite, é o lugar da eleição da angústia” (LACAN, 2005, p.121) Esta passagem evoca a articulação que tento fazer entre a angústia, a urgência e a perda dos referencias que situam um sujeito diante de sua própria imagem.

No artigo de Olive, ela faz uma analogia ao tempo de ser estudante enquanto o tempo de compreender de Lacan, no qual as expeimentações com os estudos e com os outros colegas, com os mestres, com o outro sexo, sirvam de “bússola que lhes permitirá encontrar seu caminho singular” (OLIVE, 2021, p. 144).

Se pensarmos a adolescência análoga ao que Lacan chamou de instante de ver, em que a puberdade dá seus sinais e uma disjunção entre corpo e psiquismo também ocorre, um estudante que hesita e se angustia como Nina pode estar aprisionado nesse instante. A necessidade de uma escolha profissional aponta enquanto próximo passo para a vida adulta. O tempo que se inaugura na análise seria um tempo que ameniza a urgência. Nesse sentido, pensarmos a paralisia e a urgência pela perspectiva do aprisionamento na angústia parece ser uma boa direção para esse texto. O instante de ver a própria sexualidade adulta, assim como o instante de ver a própria velhice (o que Messy chamou de entrada na velhice) estão sendo questionados aqui enquanto momentos potencialmente traumáticos, que produzem um furo nas referências simbólicas do sujeito.

E é então que a escuta analítica traz uma nova temporalidade, fazendo corte nesse tempo paralisado, em que parece não haver passado e nem futuro. Joana, quando a passa a contar sua história, movimenta-se no presente. “o que está em jogo não é mais um retorno aos acontecimentos da história passada, mas sim ao passado historiado no presente” (DIAS, 2003, p. 86) Sobre a depressão, Dias nos chama a atenção para a sonolência e cansaço do depressivo, que poderiam ser lidos pelo analista como necessidade de sonhar. “O sujeito dorme para poder sonhar e ter acesso a articulação de desejos que na vida desperta não puderam ser articulados”. (DIAS, 2003, p.24)

A psicanálise, independentemente do tempo de duração das sessões, é um percurso em que o tempo não deve contar: que difícil ambiguidade ao analista, que

precisa escutar a atemporalidade do inconsciente sem abrir mão do tempo que conta - e que exige uma resposta do sujeito que analisamos. Nina precisa sim poder aguentar a idade que chega, a faculdade que passa, a relação com os colegas, entregar seus projetos e passar de ano. A dependência dos pais que periga terminar. Joana precisa sim levar em conta a própria idade, o corpo que envelhece e se cansa, perde mobilidade, perde autonomia, perde pessoas e chega cada dia mais perto da morte.

Nesse sentido, a psicanálise oferece a possibilidade de um (re)encontro do sujeito psíquico com a temporalidade perdida – a começar pela recuperação da experiência atemporal das manifestações do inconsciente. Nina, em determinado momento da análise, começa a recordar sua história nas escolas que frequentou na infância. “Eu era muito boa na escola, terminava tudo muito rápido e ficava perturbando meus colegas, que ainda não tinham terminado. As professoras chamavam minha mãe sempre pra conversar por causa desse meu comportamento”. A mãe, por sua vez também professora, ouvia as outras ”professoras”, talvez insegura que estava em supor do que a filha precisava. A pressa e a exclusão, temas sempre trazidos com muita angústia, aparecem enfim nessa outra cena - e tenho oportunidade de intervir e produzir uma descontinuidade em sua análise, um novo tempo.

É justamente quando o real do tempo cronológico se impõe na vida sujeito, que a anacronia do inconsciente se faz cada vez mais necessária. A angústia enquanto aquilo que não engana indica algo ao sujeito. A tarefa ao psicanalista é poder inventar, pela via do que for possível, além do discurso social, um nome digno e singular para essa certeza que angustia cada um (BROWN, 2021, p.11). É necessário ao analista, enfim, lidar com a sua própria angústia diante do tempo que nos apressa, que urge, resistir ao apelo de atribuir um sentido apressado e sustentar um tempo necessário de compreender.

REFERÊNCIAS

BROWN, N. Prefácio. In: Ferrari, I.F;Mendes, A.A. **O sofrimento psíquico de jovens no espaço universitário**. São Paulo, Escuta, 2021

DIAS, M. **Caderno do seminário - neuroses e depressão: lições I à IV.** Instituto de Psiquiatria de Campinas. Programa de transtornos afetivos. Campinas, 2003.

FINGERMANN, D. **O Tempo na experiência da psicanálise**, REVISTA USP, São Paulo, n.81, p. 58-71, março/maio 2009

LACAN, J. (1962-1963) **O seminário, livro X. A angústia**. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2005.

MESSY, J. (1999) ***A pessoa idosa não existe: Uma abordagem psicanalítica da velhice.*** Aleph, São Paulo, 1999

OLIVE,D. Urgências subjetivas, quais respostas? In: Ferrari, I.F; Mendes, A. A.**O sofrimento psíquico de jovens no espaço universitário.** São Paulo, Escuta, 2021.